

# LEITURAS DENTRO DE UMA LINGUAGEM VIRTUAL: O HIPERTEXTO

**VIEIRA**, Simone Prudente Maynard  
[simoneprudente@hotmail.com](mailto:simoneprudente@hotmail.com)

**RAMOS**, Patrícia Telles  
[ptramos@bol.com.br](mailto:ptramos@bol.com.br)

**REZENDE**, Omar de Paula  
[omarlombrando@hotmail.com](mailto:omarlombrando@hotmail.com)

**BERGER**, Maria Amália Façanha. (Orientadora)  
Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal de Sergipe/Inglês,  
Mestre em Educação (UFS), Prof<sup>ª</sup> dos cursos de Letras Português da Universidade  
Tiradentes – UNIT.  
[amaliafberger@yahoo.com.br](mailto:amaliafberger@yahoo.com.br)

## RESUMO

O presente estudo abordou o avanço tecnológico dos meios de comunicação e os efeitos sociais provocados pelos diferentes usos das novas tecnologias no momento atual, com destaque para a Internet e o Hipertexto. Analisar esse novo espaço de escrita torna-se imprescindível, pois o profissional docente de Letras precisa entender seus mecanismos e suas inúmeras possibilidades de uso para saber explorar suas potencialidades no momento do processo de ensino-aprendizagem. Para tal, buscamos embasamento nas idéias de autores que discutem os temas: Globalização, Internet, Hipertexto, Língua e Sociedade como, por exemplo, Ianni (1996), Capra (1982), Marcuschi (2000) e outros, o que caracteriza esta pesquisa como bibliográfica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Globalização, Internet, Hipertexto, Novas Tecnologias.

## INTRODUÇÃO

A sociedade globalizada nos remete a uma revolução na forma de agir e de pensar, encurtando distâncias e, conseqüentemente, interferindo na identidade individual e coletiva, que se define pela intensificação das interações das atividades humanas, culturais, técnicas, científicas e tecnológicas que, inevitavelmente, provocam uma aceleração das descobertas e das inovações – “uma nova visão da realidade, numa mudança fundamental em nossos pensamentos, percepções e valores” (CAPRA 1982, p.14).

Um exemplo disto, com o qual convivemos cotidianamente, é o que chamamos de revolução da informação, resultante da união de duas tecnologias que são a informática e as telecomunicações, consideradas por muito tempo concorrentes na produção da informação interferindo, hoje, no ritmo de transformação das sociedades.

Estamos vivendo em um mundo de micronacionalidades, ou seja, em um mundo pluricultural, no qual emerge uma nova rede de comunicações com avanços significativos que disseminam rapidamente a informação, principalmente através da Internet. Em outras palavras, os parâmetros para a compreensão do mundo mudaram, o que impõe um repensar do nosso conhecimento sobre ele e sobre a escrita, uma vez que hoje lidamos com o chamado Hipertexto, objeto deste estudo.

O presente artigo teve por objetivo analisar esse novo espaço de escrita, pois o profissional docente de Letras precisa entender seus mecanismos e suas inúmeras possibilidades de leitura e escrita para saber explorar suas potencialidades no momento do processo de ensino-aprendizagem. Para tal, buscamos embasamento nas idéias de autores que discutem os temas: globalização, Internet, Hipertexto, Língua e Sociedade como, por exemplo, Ianni (1996), Capra (1982), Marcuschi (2000) e outros, o que caracteriza esta como uma pesquisa bibliográfica.

Pretendemos, através deste estudo, trazer elementos para reflexão e análise que venham colaborar com a formação dos acadêmicos do curso de Letras da Universidade Tiradentes, uma vez que o ensino, em geral, vem sofrendo transformações decorrentes dos avanços das novas tecnologias e a informação vem ocupando papel cada vez importante em nossa sociedade.

## **NOVA COMPREENSÃO DE MUNDO**

Essa redefinição dos hábitos, costumes e uniformidade de ações nos tempos da globalização, leva a uma reconstrução das diferenças, como se pode constatar, por exemplo, na semelhança entre os centros urbanos, que têm formas de modernidade relativamente padronizadas.

A descentralização da modernidade – o fim das fronteiras nacionais e internacionais - pode ser considerado o fato histórico mais importante desde a Revolução Industrial e traz infinitas novidades que, rapidamente, tornam-se ultrapassadas, conforme a seguinte análise:

Desde os fins do século XIX, e em escala crescente e acelerada no século XX, a sociedade modificou-se substancialmente. As sociedades nacionais são progressivamente absorvidas pela sociedade global; ao mesmo tempo que esta se forma, aquelas se transformam (...). O indivíduo situa-se simultaneamente no âmbito da sociedade nacional e global (...). É como se a globalização lançasse alguma ou muita luz sobre uns e outros, coisas, gentes e idéias, nos quatro cantos do mundo IANNI (1993, pp. 170-171, 176).

Convém ressaltar que a Revolução Industrial provocou no mundo mudanças significativas, tanto econômicas, quanto políticas e sociais, gerando, a partir das necessidades que o momento impunha, o surgimento de tecnologias inovadoras, que vêm ao longo desse tempo, modificando o perfil da sociedade.

Vivemos num tempo em que a globalização também provoca inquietações a partir do momento que destrói um determinado número de valores e de coisas. Ainda se tem uma

visão da vida e do mundo que é arcaica em aspectos como a vida social, os valores, as estruturas políticas e sociais, as instituições e os nossos comportamentos.

O desafio que se impõe é a transição de uma forma de pensar conservadora, que predominou nos últimos tempos, para uma nova visão que venha proporcionar a renovação de atitudes, valores e crenças exigidos neste início de século. Ainda somos fortemente orientados pelos parâmetros do rigor científico.

Muito se ouve hoje em dia que, em momentos de crise, as maiores chances de sobrevivência não estão, necessariamente, nas mãos dos mais fortes ou dos mais inteligentes, mas sim daqueles que se adaptam melhor e mais rapidamente às mudanças. A última década do século XX trouxe uma dessas bruscas mudanças de ambiente, ocasionada, principalmente, pela globalização e pelos avanços da tecnologia. O encurtamento das distâncias, entre seus muitos efeitos, propiciou uma competitividade entre empresas e indivíduos jamais vista. Fritjof Capra (1996. p.30) enfatiza a questão das mudanças ocorridas por ocasião destas transformações e a extensão e a profundidade alcançada, ou seja, como sendo mais rápidas e mais amplas:

A transformação que estamos vivenciando agora poderá muito bem ser mais dramática do que qualquer das precedentes, porque o ritmo de mudança de nosso tempo é mais célere do que no passado, porque as mudanças são mais amplas, envolvendo o globo inteiro, e porque várias transições importantes estão coincidindo. As recorrências rítmicas e os padrões de ascensão que parecem dominar a evolução cultural humana conspiram, de algum modo, para atingir ao mesmo tempo seus respectivos pontos de inversão. O declínio do patriarcado, o final do combustível fóssil e a mudança de paradigma que ocorre na cultura sensualista, tudo está contribuindo para o mesmo processo global. A crise atual, portanto, não é apenas uma crise de indivíduos, governos ou instituições sociais; é uma transição de dimensões planetárias.

Acompanhando a mesma linha de raciocínio, o sociólogo Otávio Ianni (1996, p. 89)

observa que:

[...] os processos de globalização e modernização desenvolvem-se simultânea e reciprocamente pelo mundo afora, também produzem desenvolvimentos desiguais, desencontrados e contraditórios. No mesmo curso da integração e da homogeneização, desenvolve-se a fragmentação e a contradição. Ao encontrar outras formas sociais de vida e trabalho, compreendendo culturas e civilizações, logo se constituem as mais surpreendentes diversidade. Tanto podem reavivar-se as formas locais, tribais, nacionais ou regionais como podem ocorrer desenvolvimentos inesperados de ocidentalidade,

capitalismo e racionalidade. O mesmo vasto processo de globalização do mundo é sempre um vasto processo de pluralização dos mundos.

A tecnologia, que até então se limitava ao terreno do operacional, invadiu a tomada de decisão e tornou-se banal, disponível a quem queira e possa pagar por ela. Assim, as novas tecnologias invadiram o nosso dia-a-dia, tendo como porta de entrada as pessoas, uma vez que todos procuram seus semelhantes, seus interesses. Cada um busca a sua "turma".

Não há imposição sobre o que se deve acessar na rede, onde se encontra desde o racismo mais agressivo ou a pornografia mais escancarada até discussões sérias sobre temas científicos. Pode-se dizer que há um novo encantamento pelas tecnologias porque possibilita uma interação muito mais intensa entre o real e o virtual.

A comunicação é feita através da conexão efetiva com milhares de computadores- e ao mesmo tempo, a comunicação é virtual: de casa ou escritório, navega-se sem mover-se, trazendo para si dados que já estão prontos, conversando com pessoas que não se conhece e que, possivelmente, nunca venham a se conhecer.

As tecnologias modificam algumas dimensões da nossa relação com o mundo, da percepção da realidade, da interação com o tempo e o espaço. A evolução das tecnologias de comunicação vem permitindo uma grande mobilidade (celular, notebook, etc.), que facilitam a individualização dos processos de comunicação, o estar sempre disponível (alcançável), em qualquer lugar e horário.

A tecnologia de redes eletrônicas modifica profundamente o conceito de tempo e espaço. Podemos morar em um lugar isolado e estarmos sempre ligados aos grandes centros de pesquisa, às grandes bibliotecas, aos colegas de profissão, a inúmeros serviços. O fato de que podemos nos comunicar sem sair de casa, como também pesquisar, trabalhar com outras pessoas à distância, são possibilidades - reais e que estabelecem novos elos, situações e serviços.

Dentre estas possibilidades, podemos citar o acesso ao conhecimento através de cursos à distância via computador, a materiais escritos e audiovisuais pela Internet, que pode captar e transmitir imagens, sons e textos, o acesso a instituições bancárias para realizar transações financeiras e a utilização da videoconferência, que possibilita a várias pessoas, em lugares bem diferentes, ver-se, comunicar-se, trabalhar juntas, trocar informações, aprender e ensinar.

A crescente evolução da informação e da tecnologia tem proporcionado ao usuário de rede aprender independentemente do desejo de que isto realmente ocorra, ou seja, é possível aprender coisas sem que se tenha intenção. Essa liberdade de aprender e a curiosidade é que levam ao desenvolvimento da aprendizagem e são questões estimulantes.

Barnett (1992, p. 56) diz que:

[...] aprender não é somente absorver (lembrar e entender) conhecimento, mas também adquirir atitudes positivas e as habilidades para desenvolvê-las. A aprendizagem ocorre, portanto, quando alguém sabe mais do que sabia antes. Mas não é só isso. A aprendizagem efetiva induz à curiosidade, à segurança na tomada de decisões, ao despertar da consciência com respeito ao que foi aprendido e como isso pode ser aplicado em determinada tarefa ou atividade (...) a aprendizagem acontece quando alguém sabe mais do que sabia antes, mas não apenas isso, já que é preciso que esse "saber mais" tenha um significado. Tenha um efeito no sujeito.

## **AS NOVAS TECNOLOGIAS E A SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO**

É importante reafirmar o papel das novas tecnologias na construção da sociedade da informação através de uma sólida plataforma de telecomunicações, que vem possibilitando, ao novo conhecimento, difundir-se e tornar-se útil a uma prática que tem trazido, ainda de forma modesta, um retorno social na educação, saúde, meio ambiente, agricultura, indústria e comércio, etc.

Esses avanços vêm eliminando os limites, tornando-os solidários em termos operacionais, considerando o poder de propagação que têm as redes e teias virtuais. A rede

tecnológica parece transpor as fronteiras entre diferentes tipos de produtos intelectuais e serviços informativo-culturais, bem como a suprimir as linhas divisórias entre comunicação privada e de massa, entre texto e vídeo e mesmo, a fronteira entre livro e tela. A Internet, a imprensa, a indústria gráfica, o rádio, a televisão, a biblioteca, o livro e as revistas científicas, as telecomunicações e a informática estão ficando mais interligadas.

O desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicações tem sido um poderoso instrumento para a reorganização do trabalho intelectual. O fenômeno tecnológico tem provocado uma motivação, um interesse aguçado e uma curiosidade, que estão sendo aplicados na área de conhecimento de cada ser humano, não importa seu nível de educação. Além disso, disponibiliza inúmeras ferramentas de concepção e desenvolvimento de produtos.

A invasão das tecnologias de informação na vida diária das pessoas é um dos principais fatores de desenvolvimento da sociedade da informação e interfere no funcionamento e transformação da sociedade como um todo.

Na sociedade atual, a comunicação e a informação tendem a embasar as atividades e os processos de decisão nas diferentes esferas da sociedade, incluindo a superestrutura política, os governos federal, estaduais e municipais, a cultura e as artes, a ciência e a tecnologia, a educação em todas as suas instâncias, a saúde, a indústria, as finanças, o comércio e a agricultura, a proteção do meio ambiente, as associações comunitárias, as sociedades profissionais, sindicatos, as manifestações populares, as minorias, as religiões, os esportes, lazer, etc.

Gouveia e Gaio (2003) entendem que a sociedade de hoje passa progressivamente a funcionar em rede. O fenômeno que melhor caracteriza esse novo funcionamento em rede é a convergência que ocorre entre produtores, intermediários e usuários em torno de recursos, produtos e serviços de informação afins.

Para que possamos assimilar melhor os argumentos apresentados, retomemos um pouco a questão conceitual. A Internet é uma grande rede mundial de computadores, na qual cada máquina, em qualquer lugar do mundo, representa um ponto específico. Tecnicamente, somente é possível a comunicação entre os computadores na Internet devido a determinadas linguagens de identificação, denominadas protocolos (IP - Internet Protocols).

A rede de informações imaginada por Theodore Nelson (responsável pela criação do projeto Xanadu<sup>1</sup>) se concretizou através da Internet e de seus suportes magnéticos (como o CD-ROM, o disquete). Segundo o trabalho da jornalista Angéle Murad (2001b), a Internet tem a sua origem nos Estados Unidos, a partir de experiências militares realizadas em meados dos anos 60. Os americanos buscavam criar um dispositivo de comunicação que resistisse a um possível ataque nuclear soviético. Então, uma equipe de engenheiros eletrônicos e programadores desenvolveu uma nova tecnologia de transferência de informação através de redes de computadores, que não possuía controle central.

O termo Internet vem de internetworking (ligação entre redes). Embora seja geralmente pensada como sendo uma rede, a internet na verdade é o conjunto de todas as redes. (...) Note-se que a internet é o conjunto de meios físicos (linhas digitais de alta capacidade, computadores, roteadores etc) e programas (protocolo TCP/IP) usados para transporte da informação (Lévy, 1999a, p.255).

Até o fim dos anos 80, a Internet era uma tecnologia obscura usada basicamente por pequenos grupos “fanáticos” do computador.

Desde então, ela se transformou na rede de computadores com maior crescimento no mundo inteiro, com cerca de 300 milhões de PCs, em mais de 150 países (...) A rede se expandiu em 50% a cada ano durante a década de 90, impulsionada pelo interesse dos usuários comuns de computadores na World Wide Web e nas demais ferramentas da internet (Dizard, 2000, p.24).

Incontestavelmente, o número de internautas está crescendo em todo o mundo e novos recursos de transmissão aparecem. Dizemos, então, que a web é um novo meio, fortemente voltado para a interação e que para nos aproveitarmos dele precisamos mudar paradigmas.

---

<sup>1</sup> Em 1965, Ted [Nelson](#), filósofo e doutor em Sociologia, criou o Projeto [Xanadu](#), que seria como uma [biblioteca](#) universal. Seu intuito era criar “uma imensa rede acessível em tempo real, contendo todos os tesouros literários e científicos do mundo”. ([http://www6.ufrgs.br/co-link/dicionariosocial/view\\_text.php?wikipage=//projeto\\_xanadu](http://www6.ufrgs.br/co-link/dicionariosocial/view_text.php?wikipage=//projeto_xanadu))



No primeiro momento, o emissor divulgava informações e tantos outros recebiam, como nos jornais, rádios e televisões, como um modelo clássico que, aos poucos, foi dando lugar a um novo ambiente, no qual usuários, desenvolvedores, pesquisadores, empresários perceberam intuitivamente algo de novo no ambiente virtual, começando, assim, experiências em forma de sites, sistemas e negócios, que buscavam potencializar o que de novo existia.

Podemos citar como exemplo, os navegadores – que permitiam a leitura de textos sem que fossem na ordem do livro tradicional; as listas de discussão e grupos eletrônicos - que possibilitaram o primeiro modelo de comunicação sem a figura do emissor único, com troca de mensagens a distância de muitos para muitos; o correio eletrônico - que permitiu a troca de textos, de forma barata e a longa distância para múltiplos destinatários; os mensageiros eletrônicos - que expandiram o conceito da comunicação virtual para a presença constante e troca de pequenas mensagens entre amigos e colegas de trabalho ao longo do dia.

Este fenômeno de troca de informação de usuários com usuários permitiu a criação e difusão, quase instantânea e globalizada, de novos produtos e a criação de projetos e empresas, nunca antes possível no modelo inicial. É o exemplo do MP3 e seus sucessores na área de vídeo e os softwares livres e gratuitos que quebrou monopólios.

## **HIPERTEXTO**

Pelos idos de 3000 A.C., na Mesopotâmia, começaram a surgir formas de escrita utilizando ideogramas e fonemas. Também no Egito, eram usados papiros e tintas rudimentares para representação de signos na comunicação escrita. Na Antiguidade, o uso da escrita era relacionado com a contabilidade e o inventário dos templos e para a organização da lavoura e dos impostos.

No século III A.C., foi criada a Biblioteca do Museu de Alexandria, a qual tinha como ambição reunir, em um só local, todo o conhecimento do mundo. Surgiram, então, o pergaminho e o livro, como reunião de vários pergaminhos ou papiros.

Com a introdução do papel, a invenção da imprensa e da tipografia, a Bíblia de Gutenberg é considerada a primeira publicação impressa, fazendo com que os manuscritos fossem esquecidos dando lugar aos novos textos que sofreram, evidentemente, profundas modificações. A quantidade de livros produzidos aumentou significativamente, e o leitor passou a ter maior acesso a teorias e conhecimentos, antes restritos aos mestres encarregados de interpretar os manuscritos e repassar seu conteúdo. A leitura e a interpretação adquiriram um caráter mais individualista, e as obras começaram a incluir representações gráficas como tabelas, desenhos, mapas etc.

O livro moderno passou a apresentar vários elementos que conhecemos hoje em dia, como paginação, sumários, citações, capítulos, títulos, resumos, erratas, esquemas, diagramas, índices, palavras-chave, bibliografias, etc. Assim, passou a ser oferecido ao leitor a possibilidade de avaliar o conteúdo do que lia de forma rápida e acessar partes do livro que mais lhe interessavam. Por meio das notas de rodapé e das referências bibliográficas, o leitor passou a ter conhecimento de outros livros que tratavam do mesmo assunto.

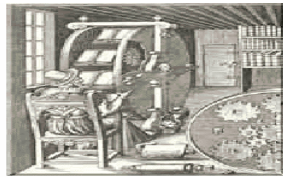
Tudo isso tornou possível o conhecimento de fatos presenciados ou relatos de pessoas que viveram em outras épocas ou lugares. Pela primeira vez na história da humanidade, os fatos podiam ser compreendidos e analisados fora do contexto em que ocorreram. Segundo Lévy (1999, p. 33), “a comunicação puramente escrita elimina a mediação humana no contexto que adaptava ou traduzia as mensagens vindas de um outro tempo ou lugar”.

Mais de vinte séculos se passaram desde a invenção da escrita até os nossos dias e daí para cá, muitas foram as modificações pelas quais ela passou. A escrita em tabuletas de

argila ou nos antigos pergaminhos, até a chegada do livro moderno como conhecemos hoje, comprovam essa evolução. Cada sociedade tem, ao longo do tempo, adaptado os textos às suas formas de leitura e sua própria relação com o conhecimento. Podemos dizer que o homem se deparou com duas grandes revoluções: a da imprensa e a do computador.

O surgimento do hipertexto pode ser associado a uma idéia de Agostino Ramelli que apresentou uma proposta – a “roda de leitura” - no sentido de permitir a consulta simultânea de vários livros. Com esta máquina (figura A) um homem podia consultar determinado foco de pesquisa através de um grande número de livros sem sair do lugar. Esta roda foi construída de tal forma que os livros nunca caíam ou saíam do local em que se encontravam, mesmo que a roda girasse uma volta completa.

Figura A



Fonte Online: ([http://images.google.com/images?svnum=10&um=1&hl=pt-BR&rlz=1T4SUNA\\_en\\_\\_\\_\\_BR206&q=RODA+DE+LEITURA+DE+RAMELLI](http://images.google.com/images?svnum=10&um=1&hl=pt-BR&rlz=1T4SUNA_en____BR206&q=RODA+DE+LEITURA+DE+RAMELLI))

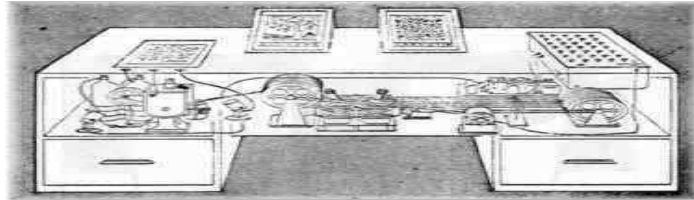
Tudo está sempre se modificando. Com o surgimento do computador, as práticas de leitura e escrita ganharam novo rumo assumindo seu papel na história. A internet diminuiu as distâncias entre as pessoas e facilitou o acesso a informações e conhecimentos diversos em qualquer parte do mundo. Para Barreto (1998, p. 125),

esta passagem da cultura tribal para a cultura escrita/tipográfica foi uma transformação tão profunda para o indivíduo e para a sociedade, como está sendo a passagem da cultura escrita para a cultura eletrônica, que ora presenciamos.

Em 1945, Vannevar Bush, matemático e físico, anunciou ao mundo, através de um artigo que tinha como título “*As we may think*”, a invenção de uma máquina para auxiliar a memória e guardar conhecimentos – MEMEX (Figura B) - mecanismo eletronicamente ligado a uma biblioteca e capaz de mostrar livros e filmes. Esta foi considerada a primeira idéia de

hipertexto, apesar das limitações que o projeto apresentava, uma vez que não era possível formatar um tipo de mecanismo artificial que copiasse o processo da inteligência humana.

**Figura B**



(Fonte online: [http://images.google.com/images?svnum=10&um=1&hl=pt-BR&rlz=1T4SUNA\\_en\\_\\_\\_BR206&q=MEMEX](http://images.google.com/images?svnum=10&um=1&hl=pt-BR&rlz=1T4SUNA_en___BR206&q=MEMEX))

Para Vannevar Bush, citado por Lara (2001), meta-documentos (uma coletânea de associações entre fragmentos de diversas obras, completadas por comentários pessoais, para uso particular) já existentes, relacionados a assuntos específicos, poderiam também ser agregados a meta-documentos relacionados a temas mais amplos. O Memex, portanto, daria suporte a este meta-documentos agregado. Lévy (1993) reforça este ponto de vista:

Antes de mais nada, seria preciso criar um imenso reservatório multimídia de documentos, abrangendo ao mesmo tempo imagens, sons e textos. (...) A segunda condição a ser preenchida seria a miniaturização desta massa de documentos. (...) O acesso às informações seria feito através de uma tela de televisão munida de alto-falantes. Além dos acessos clássicos por indexação, um comando simples permitiria ao feliz proprietário do Memex criar ligações independentes de qualquer classificação hierárquica entre uma das informações e outra. Uma vez estabelecida a conexão, cada vez que determinado item fosse visualizado, todos os outros que tivessem sido ligados a ele poderiam ser instantaneamente recuperados, através de um simples toque de botões e alavancas (Lévy, 1993, p.28).

Dias (2000), faz referência a George Landow que defende que a concepção do Memex nos leva a duas observações importantes: em primeiro lugar, a necessidade e a possibilidade do leitor de fazer anotações relativas ao texto, durante o processo de leitura, o que redefine seu conceito de ler, como dinâmico e ativo. Em segundo lugar, a referência ao leitor ativo, que pode elaborar observações a determinado texto, como se tivesse diante de uma página física, atesta a concepção de um texto, de qualquer forma, menos físico e mais virtual. Assim, utilizando as limitações de uma forma de texto, Vannevar Bush concebeu uma nova tecnologia e através dela, nos leva a uma nova concepção do próprio texto.

Bush retrata o usuário de seu dispositivo imaginário traçando trilhas transversais e pessoais no imenso e emaranhado continente do saber. Estas conexões, que ainda não chamavam hipertextuais, materializam no Memex, espécie de memória auxiliar do cientista, uma parte fundamental do próprio processo de pesquisa e elaboração de novos conhecimentos (Lévy, 1993, p.28).

Para Lévy (1993, p. 33), um hipertexto

[...] é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira.

O termo hipertexto foi usado em 1965, por Theodore Nelson, responsável pela criação do projeto Xanadu: “uma imensa rede acessível em tempo real contendo todos os tesouros literários e científicos do mundo, uma espécie de Biblioteca de Alexandria de nossos dias” (LÉVY, 1993, p. 29).

Para que se possa entender efetivamente, hipertexto pode ser conceituado como uma forma de escrita, possível através da máquina e que permite interação. Podemos dizer que o hipertexto é um tipo de texto organizado em termos de rede, de compreensão fácil, que permite a livre associação de idéias. Surge então uma nova forma de textualidade e com ela o leitor virtual, conceituado por Santaella (1998, sp.), como sendo

um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multi-seqüencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeos etc. trata-se de um leitor implodido cuja subjetividade se mescla na hipersubjetividade de infinitos textos num grande caleidoscópio tridimensional onde cada novo nó e nexos pode conter uma outra grande rede numa outra dimensão. Enfim, trata-se aí de um universo inteiramente novo que parece realizar o sonho ou alucinação borgiana da biblioteca de Babel, uma biblioteca virtual, mas que funciona como promessa eterna de se tornar real a cada click do mouse.

Conseqüentemente, o texto passa a ter inúmeros formatos e variadas significações, sem a marcante intencionalidade do autor e caracterizando o leitor em co-autor. Esse novo processo de comunicação possibilita um diálogo que favorece o intercâmbio e a troca de informações.

Esse universo de possibilidades tem no seu contexto, a partir de então, a literatura digital, mais atraente e acessível, considerando que se utiliza imagens, sons, gráficos, etc, cujas produções literárias (e-books) são discutidas e disponibilizadas em chats, em páginas de criação coletivas e em livrarias virtuais, divulgadoras de novos textos e autores.

A narrativa hipertextual está de tal forma impregnada nos hábitos atuais, tal como o livro impresso, que pode ser encontrada não só no meio literário, mas também na produção cinematográfica, televisiva e nos jogos interativos. É impossível ignorar este processo de transformação da leitura e da assimilação do conhecimento, considerando a evidente aceitação do leitor moderno pelos e-books. Entretanto, é imperioso ressaltar que, como afirma Johnson (2005, p. 104),

os livros continuam a ser uma força dominante na sociedade [...] a diferença é que, atualmente, os livros têm muito mais concorrentes do que antigamente. Temos a televisão, a Internet, os games, que disputam a atenção dos consumidores de mídia. Mas os livros continuam sendo vitais para nossa cultura, e não acho que eles estejam sob ameaça de se tornar irrelevantes.

Podemos observar que as tecnologias mais avançadas geralmente absorvem as conquistas das tecnologias anteriores. A história comprova que nenhuma tecnologia veio para usurpar o espaço da outra.

Lemos (1999a) considera uma tendência inevitável que a cultura analógica (a TV, o rádio, as revistas, os livros, etc) seja progressivamente substituída pela cultura digital. Segundo ele, mesmo que no futuro toda a mídia seja digital, o analógico não vai desaparecer, mas passar por profundas transformações. Cada uma tem seu público e é utilizada em situações diversas, conforme as necessidades dos usuários.

Com isso afirmamos que o livro virtual não surge para promover uma campanha contra o livro impresso, mas como alternativa para o leitor que procura novos meios e formas de conhecimento e domínio de conteúdo literário. Não podemos esquecer que o livro impresso também foi uma evolução tecnológica, muito embora não estamos propondo troca

de uma inovação tecnológica por outra, mas sim que se desenvolva um processo cumulativo, onde uma complemente a outra.

Também ocorreram mudanças no que se refere à autoria. O processo de criação de hipertextos, necessariamente, embasa-se pela leitura de outros documentos disponíveis, os quais, naturalmente, terão associações com o documento original.

Os hipertextos, resultado da leitura e escrita de uma comunidade, uma vez que cada pessoa constrói um novo texto a cada link acessado, permitem, através dessa interatividade, o surgimento de obras coletivas, considerando a agilidade com que o conhecimento de várias pessoas, seja encadeado.

Marcuschi (2000c) considera que os desafios mais sérios do hipertexto estão na área da produção e do ensino. Ele obriga a pensar em redefinições curriculares, na revisão e na identificação de fontes. Os aspectos proporcionados pelos hipertextos como a interatividade e o compartilhamento de informações sob a forma de textos, sons e imagens, promovem, inegavelmente, o desenvolvimento de novas relações com a informação e que precisam ser valorizados e explorados com vistas à construção do conhecimento. O hipertexto, ao permitir o acesso a um novo tipo de aprendizagem: a aprendizagem coletiva, cooperativa e interativa ocupa um espaço importante na formação docente de qualquer área do conhecimento.

Quanto mais o sujeito participa ativamente desse processo de busca do conhecimento, questionando e respondendo a suas próprias indagações, mais fácil se processará o entendimento e a aprendizagem. Uma outra vantagem apresentada pelo hipertexto, ainda na área educacional, é o acesso imediato a grandes e significativos volumes de informação, o que não acontece com o texto tradicional.

Didaticamente falando, o hipertexto propicia ao aluno desenvolver seu estilo próprio de aquisição do conhecimento. O hipertexto permite, ainda, a implementação de bibliotecas virtuais e ensino à distância, o qual vem se integrando cada vez mais aos métodos tradicionais

de ensino presencial, com o uso das redes de telecomunicação e dos suportes multimídia interativos.

Como temos visto acontecer, novas possibilidades advindas desse espaço virtual são oferecidas. A materialidade do livro é trocada pela imaterialidade da informação. O conhecimento rola sob telas de forma semelhante aos rolos de papiro da antiguidade, com a diferença que os hipertextos são labirintos de informação sem contornos e limites.

No hipertexto, as informações – através dos textos, imagens, etc. – podem ser visualizadas em separado por decisão do leitor. O texto é colocado em movimento, em constante metamorfose, caracterizando-se pela dinamicidade, enquanto que a informação impressa é imutável.

No entanto, apesar dos pontos positivos já citados até aqui, o hipertexto também apresenta desvantagens, dentre as quais ressaltamos a desorientação do usuário ante tantas informações. A grande liberdade de exploração, pode causar dificuldades ao usuário no sentido de que ele possa perder a noção de onde está e qual caminho deverá seguir. Essa desorientação pode ser causada pelo excesso de informação, o que pode ocasionar um rompimento na compreensão da leitura. Outros problemas são frequentemente apontados no sistema do hipertexto, em relação a sua utilização. O texto eletrônico depende da tecnologia emergente que ainda está sujeita a transformações. Qualquer sistema que disponibiliza um volume muito grande de conhecimentos pode tornar a navegação difícil pelo fato de sobrecarregar o usuário com muitas opções de escolha.

Além disso, é essencial para o usuário saber quanto do total de um site foi visitado/lido, qual foi o site de partida, quais os possíveis caminhos de leitura de um documento.

Normalmente os sites são elaborados a partir de uma grande variedade de tipos de apresentação visual e informacional que são, muitas vezes confusas, e não facilitam a



navegação, nem fornecem informações suficientes para a orientação do usuário. O que se observa é uma grande poluição visual e extensos blocos de informação.

Algumas críticas têm sido feitas às novas tecnologias, embasadas pelo temor de que venha a ocorrer uma completa substituição das tecnologias anteriores, podendo assim, resultar em transformações sociais negativas.

Se olharmos para trás, a história mostra que estas críticas não têm fundamento: a escrita não interferiu negativamente na comunicação oral entre as pessoas e a imprensa não fez com que essas pessoas deixassem de escrever com as suas mãos. E assim, outros e mais outros exemplos: a fotografia não substituiu a pintura; a televisão não substituiu o teatro; as videolocadoras e as TVs a cabo não provocaram o menosprezo pelo cinema.

Portanto, fundamentados nos aspectos abordados anteriormente referentes às vantagens e desvantagens decorrentes do hipertexto, ressaltamos que ele altera fundamentalmente a noção de textualidade, pois se constitui num texto plural, sem centro discursivo, sem margens, sendo produzido por um ou vários autores e, como texto eletrônico, está sempre mudando e recomeçando. “Assim como o rio de Heráclito, o hipertexto jamais é duas vezes o mesmo” (Lévy, 1996, p.48), a cada leitura ele se apresenta de uma forma, dependendo dos caminhos escolhidos pelo leitor.

Segundo Chartier (1999), com o texto eletrônico é possível que se realize um sonho muito antigo da humanidade, que poderia se resumir em duas palavras: universalidade e interatividade.

De acordo com Alckmar dos Santos (2000), o hipertexto se destaca sobretudo pela transitoriedade de suas manifestações; pela ausência de limites ou partes bem definidas; pela fragmentação das leituras sucessivas que o hipertexto permite; pela possibilidade de passar quase instantaneamente da parte ao todo; pela presença de grande quantidade de textos não-

verbais; pela disponibilidade de todo um aparato paratextual (referências, imagens, citações, etc).

Acreditamos que o importante papel que assumiu o hipertexto no momento atual advém da facilidade de acesso e da popularidade que caracteriza a internet, permitindo uma familiaridade com o novo, o que favorece a construção e transmissão do conhecimento, bem como socializa sua prática. Permite uma mudança considerável dos processos de “um para muitos”, característicos da comunicação de massa, para onde cada um tem a possibilidade de expressar um feedback, criar o seu menu de informações.

A difusão das tecnologias digitais e a conseqüente convergência entre a comunicação e a informática está provocando grandes mudanças na relação da oferta e do consumo da informação.

O desenvolvimento da tecnologia de transmissão digital de dados via redes de computação opera uma modificação no modelo da comunicação vigente: a audiência, além de ter acesso a uma maior número de informações de maneira rápida e diversificada, passa a poder produzir e disponibilizar suas próprias informações nas redes de comunicação (MANTA, 2001, p.3).

Levando-se em conta todas estas argumentações e considerando a evidente aceitação do virtual como rotina, graças à penetração da rede mundial de computadores, a tecnologia do hipertexto revelou o seu potencial revolucionário, tornando-se, com o apoio da internet, um protótipo de novas formas de comportamento comunicativo neste novo momento da história da humanidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final de nosso estudo, concluímos que são várias as possibilidades de estudos sobre o hipertexto, pois estamos presenciando o nascimento de um novo espaço de escrita, cujas implicações ainda não foram totalmente dimensionadas.

Entendemos que nenhuma tecnologia suplanta a outra, todas vêm se sobrepondo e se readaptando às novas situações. Assim, não é provável que livros impressos, jornais e revistas desapareçam; eles devem ser remodelados de acordo com os novos tempos. O jornalismo digital não deve substituir o jornalismo impresso, ao contrário, ele deve dar a possibilidade tecnológica de competição com, por exemplo, o imediatismo da televisão.

O texto eletrônico permite ao usuário vivenciar o ato da leitura de uma forma muito mais integral e engajada com outros textos. Isso demanda, no mínimo, uma redefinição da função da textualidade. Por isso, o texto eletrônico se apresenta como uma textualidade paradigmática agora e no futuro. Ou seja, com o Hipertexto surge uma outra maneira de ler, de escrever e de intervir sobre a palavra. A interatividade proporcionada pelo hipertexto está permitindo, a um considerável número de pessoas, compartilhar experiências e a escola deve estar preparada para lidar com essa realidade cada vez mais presente em nossa sociedade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARBOSA, Pedro. *A Ciberliteratura. Criação Literária e Computador*. Edições Cosmos, Lisboa, 1996.

BARNETT, R. *Realizing the university in na age of supercomplexity*. In: RICARDO, Eleonora Jorge (Org.). *Educação corporative e educação a distância*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005.

BARRETO, Aldo. *Mudança estrutural no fluxo do conhecimento: a comunicação eletrônica*. *Ciência da Informação*, v. 27, n. 2, p. 122-127. Brasília: IBICT, maio/ ago. 1998.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. Álvaro Cabral, trad. São Paulo: Cultrix, 1996.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1999.

DIAS, Maria Helena. *Encruzilhadas de um Labirinto Eletrônico: uma experiência hipertextual*. Disponível em <[www.unicamp.br/~hans/mh/hiper.html](http://www.unicamp.br/~hans/mh/hiper.html)>.

GOUVEIA, Luis Borges e GAIO, Sofia. (2003). *Workshop Sociedade da Informação: balanço e implicações*. Auditório da Universidade Fernando Pessoa. 11 e 12 de Dezembro [<http://www.ufp.pt/~lmbg/sinfo03>].

IANNI, Octávio (1993). *A sociedade global*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

\_\_\_\_\_(1996). *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

\_\_\_\_\_(1996). *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

JOHNSON, Steven. *Uma boa má influência*. Época, São Paulo, SP, n. 377, p. 102-105, ago. 2005.

LARA, Isabela. *Hipertexto: o universo em expansão*. Disponível em [www.unb.br/fac/ncint/site/index.html](http://www.unb.br/fac/ncint/site/index.html).

LEMOS, André. *As estruturas Antropológicas do ciberespaço*. In: Textos de Cultura e Comunicação, nº 35, FACOM/UFBA, junho-1996.

\_\_\_\_\_. *Andar, clicar e escrever hipertextos*. 1999b. Disponível em [www.facom.ufba.br/hipertexto/andre.html](http://www.facom.ufba.br/hipertexto/andre.html).

LEVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência : o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1993. 208 p. (Coleção TRANS).

\_\_\_\_\_. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999. 264p. (Coleção TRANS).

\_\_\_\_\_. *O que é virtual?* São Paulo: Ed.34, 1996.

MARCUSCHI, L.A. *A coerência no hipertexto*. I Seminário sobre hipertexto. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000a. 17p. (Mimeo).

MASUDA, Yoneji. *A sociedade da informação*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1980.

MURAD, Angèle. *O hipertexto eletrônico como base para reconfigurar a atividade jornalística*. 2001a. Disponível em [www.uff.br/mestcii/angele3.htm](http://www.uff.br/mestcii/angele3.htm).

\_\_\_\_\_. *Oportunidades e desafios para o jornalismo na Internet*. 2001b. Disponível em [www.uff.br/mestcii/ngele1.html](http://www.uff.br/mestcii/ngele1.html).

SANTOS, Alckmar Luiz. *Textualidade literária e hipertexto informatizado*. Disponível em <[www.cce.ufsc.br/~alckmar/texto1.html](http://www.cce.ufsc.br/~alckmar/texto1.html)>.

VILAN Fo, Jayme. *Hipertexto: visão geral de uma nova tecnologia de informação*. Ciência da Informação. v. 23, n. 3, p. 295-308. Brasília: IBICT, set./dez. 1994.